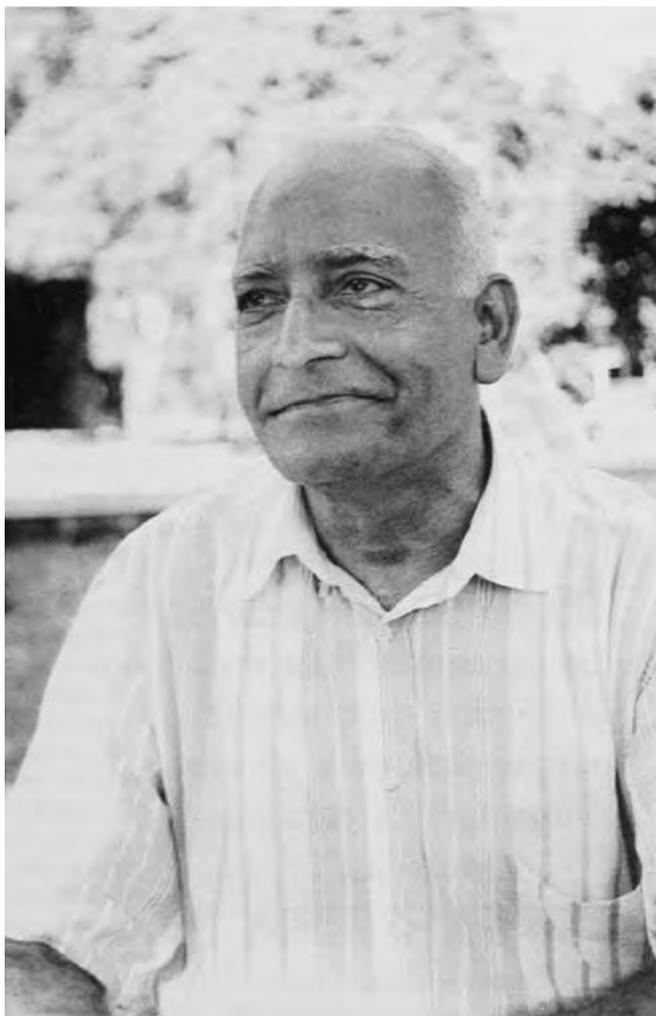


HARBANS LAL ARORA

O menino que calculava e fazia rir vira artesão do sonho de paz



Adepto de uma visão holística do universo, Harbans segue unindo ciência e "loucuralidade" e fazendo a sua parte para transformar o mundo em um lugar melhor para se viver

Entrevista com Harbans Lal Arora, dia 11/05/98.
Produção, redação, edição e texto final: Cinthia Medeiros, Cristiane Bonfim, Enrico Rocha e Isabel Brito.
Texto de abertura: Ana Rita Fonteles
Participação: Ana Rita Fonteles, Cinthia Medeiros, Cristiane Bonfim, Débora Lima, Enrico Rocha, Ester Lindoso, Isabel Brito, Janaina Vieira, Laécio Ricardo, Leticia Amaral, Maria Teresa Monteiro, Mário Quinderé, Raimundo Madeira, Roberta Fontelles, Rodrigo Santiago e Thais Aragão.
Foto: Enrico Rocha.

Harbans Arora sempre deixou muita gente de queixo caído, olhos arregalados e orelha em pé. Do menino sabido que, aos quatro anos fazia contas de cabeça, ao doutor que uniu Física Quântica aos ensinamentos da Yoga. Do professor universitário, que discutia química e economia na mesma aula, ao voluntário que trata pacientes terminais com música, esse indiano de 62 anos, brasileiro de coração e papel passado, já fez muitos pensarem: "Será doído?".

Mas nunca se deixou abater. Com um sorriso largo, ri quando lembra das caras de espanto que deixou para trás. E gosta de falar da própria vida com a satisfação de quem fez bem mais do que sonhou. Se não pôde ser humorista, como o ídolo Chaplin, o bom-humor ele nunca perdeu. Se deixou de lado a vontade de ser médico, nunca desistiu da missão de cuidar. E assim faz. Cuida da família, das filhas, dos amigos, dos alunos, dos doentes. Com seus gestos fortes e carinhosos, teria disposição para cuidar de toda a humanidade.

Pelo caminho mais improvável, a Física, Harbans encontrou a chave para o seu trabalho: fazer as pessoas perceberem sua responsabilidade para com o próximo e com o planeta. A velha historinha de que a uma ação local corresponde uma transformação global. Ele mesmo deu o exemplo. Recusou o convite para trabalhar na construção de um reator nuclear, na Índia, e tornou-se um dos operários mais esforçados na construção de uma cultura de paz.

Arora, o "homo spiritualis", não segue nenhuma religião. Aos teólogos e fundamentalistas ele deixa os dogmas e paixões. Procura apenas o melhor de cada crença. Faz da harmonia sua prece. Dá sentido novo à palavra partilhar, trabalhando a ciência como instrumento de autoconhecimento e felicidade. "Se eu quiser falar com Deus, tenho que afrouxar os nós". E não lhe falem de globalização, sem falar de humanização. Afinal, tudo que diz respeito ao ser humano lhe interessa.

Das inúmeras palestras e conferências em vários países, a maior lembrança e satisfação foi a de conhecer o mundo. "Você não gostaria de conhecer o mundo, garota?", pergunta moleque o Phd que, mesmo depois de 27 anos no Brasil, ainda tropeça no português, esquecendo um verbo aqui, um adjetivo ali, um advérbio acolá. Vez por outra inventa palavras novas. "Loucuralidade" é como define a interdisciplinaridade buscada em seu conhecimento. Um mestre de fala doce e pura como criança, que adora contar histórias.

Da Índia, guarda sons e temperos. Da cítara, talvez tenha incorporado a magia da música que relaxa e transcende. Mas o baixinho de olhos vivos, que dormia embalado por problemas de aritmética, parece não estar preso a fronteiras e hinos. Sua consciência espiritualizada lhe dá a certeza de ser cidadão do cosmos. Que novos ventos e experiências venham sempre. "Viver é afinar um instrumento". Harbans não teme a transformação.

O Brasil lhe deu muitos prazeres. Entre eles, o de transformar a terapia do abraço em hábito cotidiano. De suas mãos firmes, mas de gestos suaves, sempre se espera um toque, um carinho, um puxão como a dizer: "Chegue mais perto". Uma doçura sentida nas sessões de relaxamento, em que a ciência Yoga ajuda a aliviar dores materiais e espirituais. Integração corpo-mente a serviço dapaz mundial. Difícil de compreender? Mas não impossível de tentar.

O físico nunca se distanciou do menino que sonhava ver os outros felizes. Uniu a mania de fazer graça com a vocação para mudar o mundo. E ele conhece bem o seu papel nesse mundo. "We are the world", diria com um sorriso nos lábios. Harbans Arora é o sábio em pele de beija-flor. Falta muito para apagar o incêndio, mas ele está feliz. Está fazendo a sua parte.



No dia 8 de abril, a equipe de produção conversou pessoalmente com Harbans pela primeira vez. O bate-papo aconteceu na cantina do Curso de Comunicação.

Entrevista - Vamos começar?

Harbans - Vamos começar!

Entrevista - Harbans, você nasceu na Índia, em uma cultura muito diferente da nossa, e antes de chegar aqui já havia feito doutorado no Canadá. O que o trouxe para o Brasil, especificamente para Fortaleza?

Harbans - Eu fiz também pós-doutorado no Canadá. Esse pós-doutorado foi porque não tinha emprego. Não estava interessado em fazer pós-doutorado, não, eu queria trabalhar. Já tinha trinta e cinco anos de idade, e a minha esposa estava grávida, então, eu pensava mais em trabalhar do que em fazer pós-doutorado. Mas não tinha emprego, daí eu fiz pós-doutorado. Eu fiz Doutorado em Física Quântica Aplicada para Estado Sólido... é sobre semi condutores e aquela coisa... chips! Chips, você conhece, né? (doutorado feito na Universidade de Waterloo no Canadá). Mas, naquela época, emprego era muito difícil para as pessoas da Física Teórica como eu, por causa da Guerra do Vietnã. Havia mais procura para pessoas aplicadas a laboratório. Eu não era de laboratório. (Guerra do Vietnã, 1961-1975. Conflito armado em que lutaram, de um lado, os guerrilheiros do Vietcong - Frente de Libertação Nacional - e tropas do exército regular do Vietnã do Norte, e, de outro, tropas sul-vietnamitas e norte-americanas. A guerra acabou com a unificação do país, após a retirada dos norte-americanos e a rendição do regime do Vietnã do Sul).

Quando eu vim pra cá, eu não conhecia ninguém. Eu vim pra cá porque... eu procurei vários lugares e achei aqui... Não quer dizer que tinha preferência nenhuma, não é isso. Não tinha idéia nenhuma. Não conhecia ninguém daqui e nem de outros lugares também. Eu tinha possibilidade de ir para Venezuela, aqui (Fortaleza), Austrália, Nova Escócia, no Canadá, e São Carlos, em São Paulo. Mas a que consolidou foi aqui mesmo. E eu comecei a ensinar aqui a Física normal, comum, mas não era de meu ritmo. Eu até comecei, dei aula de História das Ciências logo no início... Eu tinha lido muitas coisas sobre cientistas, como a ciência ficou bitolada, assim por diante, isso me ajudou muito para compreender melhor o desenvolvimento da ciência. Mas eu não trouxe nada especial, não. Só que, quando a gente chegou aqui tinha só dois PhDs, professor Germano, que é da Física, e eu (refere-se a

Francisco Alcides Germano, doutor em Física pela Universidade de Illinois nos Estados Unidos, professor da Universidade Federal do Ceará desde 1961 e atual secretário-executivo da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura). Só dois. Ele tinha feito doutorado nos Estados Unidos, e eu era o segundo doutorado. Então, eu comecei a dar aulas para colegas na pós-graduação. Só quatro colegas assistiam à aula. Três falavam um pouquinho de inglês, e o quarto não falava nada. Razão pela qual eu aprendi português na marra, porque eu queria dar aula que fosse entendida, né? Não adianta você ficar "excellent, that's very good, no idea", não faz sentido, né? Então, eu comecei a aprender português e não aprendi gramática, não. Se faço vestibular eu não passo. Eu tenho certeza e não vou fazer. Não adianta. Não passo e já sei.

**“Chegar e abraçar
alguém (na Índia) não é
muito comum também.
Eu abraço todo mundo,
porque para mim abraço
é uma terapia para duas
pessoas.”**

Então, essa foi a minha razão: foi meramente em busca de emprego. Eu me senti bem aqui. A cultura, claro, é diferente, mas não é tão diferente como no Canadá e Estados Unidos. Índia e Brasil têm muito mais coisas em comum do que as coisas que se encontram na América do Norte.

Entrevista - Você pode dar um exemplo prático?

Harbans - Exemplo: nos Estados Unidos, as pessoas são muito individualistas, as pessoas são muito frias. Aqui, são pessoas até quentes, né? Então, como eu gosto muito de trabalhar com dinamismo, amizade... chego lá pra pessoa, converso com a pessoa... Isso não é muito comum na Índia. Outra coisa: não é muito comum você ficar tocando a pessoa, isso não é muito comum. Chegar e abraçar alguém (na Índia) não é muito comum também. Eu abraço todo mundo, porque pra mim abraço é uma terapia para duas pessoas. Então, eu cheguei aqui e me senti à vontade, ambiente muito bom. Claro, minha mulher demorou muito para se adaptar. E não tinha

nada para fazer também. Daí, ela entrou em ioga.

Entrevista - Como o Harbans que quando menino sonhava em ser artista ou humorista para fazer as pessoas felizes, acabou tornando-se físico?

Harbans - No meu livro, a pessoa que fez a introdução fala sobre isso (o livro que Harbans menciona, "Viva melhor sorrindo e rindo", tem prefácio assinado por Roberto Crema, vice-presidente da Universidade Holística Internacional de Brasília. No livro, Crema descreve Harbans como uma pessoa que possui "a preciosa virtude do humor"). Mas é o seguinte: eu comecei a trabalhar com onze anos de idade para sustentar a família. E, naquela época, entre onze e treze anos, só trabalhei. Na fábrica, lavar pratos... Qualquer coisa que você imaginar, eu fiz: vender limão, limpar carro, essa coisa toda. Mas eu voltei a estudar...

Bom, eu comecei muito cedo nos estudos. Eu sou de uma família muito pobre. Meu pai trabalhava em ferrovias, ganhava um salário, meio salário mínimo. O meu pai nunca tinha estudado, não tinha ido para colégio, nada não. Mas ele tinha um sentimento sobre matemática. Eu ficava impressionado como uma pessoa que nunca estudou nada contava *chiiiiiii* (faz um gesto com a mão que simula agilidade e sonoriza com a voz) rapidamente as coisas. Eu me impressionava com isso! Desde criança, quatro ou cinco anos de idade, eu comecei a sentir que meu pai tinha alguma coisa! (enfático). Porque não é comum, você faz '3,7 x 4,9', multiplica, *chiiii* (repete o gesto anterior), ele fazia assim. Eu nunca entendia como ele fazia assim.

Então, com a idade de quatro anos eu ia levar merenda para meu irmão, dois anos mais velho, que tava no primeiro ano. Eu levava merenda pra ele e sentava lá atrás. Me lembro, eu era baixinho. Ainda me lembro de como estava sentado lá e ele (o professor) fez uma pergunta: "Nove vezes sete?" Eu disse: "Sessenta e três". Com quatro anos de idade. Eu lembro que disse isso! (enfático). O professor olhou pra mim e disse: "Quem falou isso?" Porque os alunos já de primeiro ano não responderam. Ele: "Quem? Você tá lá atrás, né?". Eu fiquei com medo, depois estava errado, não é? Ele: "Quem é? Levante!". Eu fiquei assim, né? E levantei. "E você respondeu assim? Como que você respondeu?" Eu disse: "Bom, eu não

Ao se despedir, ele deu um abraço forte em cada um dos quatro integrantes do grupo. A sua simpatia e simplicidade encantaram a todos a primeira vista.

sei. Nove vezes sete? (pausa) Sessenta e três". Ele disse: "Todos são doidos, rapaz, três anos mais velhos do que ele, e foi ele que respondeu tudo. Você a partir de agora vai para o primeiro ano logo." Eu entrei no primeiro ano sem fazer jardim (da infância), essa coisa toda.

Entrevista - Com quatro anos de idade?

Harbans - Com quatro anos de idade. E já entrei no primeiro ano! Daí, eu terminei com dez anos de idade a sexta série. Porque na Índia, naquela época, tinha seis séries. Não eram oito séries como tem aqui não (refere-se ao 1º grau). Sexta série, depois você fazia mais quatro anos para segunda série (referindo-se ao 2º grau). E com dez anos de idade eu terminei a sexta. Tirei o primeiro lugar.

Me lembro também que, quando tinha oito anos de idade, era bom em matemática, bom nesse cálculo rápido, né? Eu agradeço a meu pai, porque ele realmente fazia perguntas a gente à noite. Aí imagina: dez horas, nove horas da noite, nacama! Ele dizia: "Agora é o seguinte: duzentos e cinquenta rupias (moeda indiana), ou reais, com juros de 3% por ano. Em um ano e seis meses, daria quanto de juros?" De cor. Eu multiplicava três, oito, cinco, fazia assim... eu era o primeiro a responder. Daí, é por essa razão que eu consigo multiplicar muito rapidamente. Se a pessoa usa calculadora, eu já sei a resposta, porque eu faço rapidamente. Meu pai tinha toda essa sensibilidade, e à noite ele fazia isso.

Entrevista - E como chegou a Física?

Harbans - Nós saímos de lá... (refere-se a Shorekot, sua cidade natal, que hoje faz parte do Paquistão) eu não falava inglês, não. Com dez anos de idade eu comecei a aprender inglês. Daí, com onze anos eu já falava inglês. Quando a gente chegou à Índia, meu pai ficou ferido, ficou doente. Nós perdemos muita gente da nossa família. Foram assassinados durante essa migração do Paquistão para a Índia. Meu pai ficou muito abalado, perdeu três irmãos, sobrinhos... (Durante um longo período, a Índia foi governada pelos ingleses - 1772 a 1947. A I Guerra Mundial - 1914 a 1918 - contribuiu para a intensificação do movimento pela libertação indiana. Os indianos passaram a ocupar mais espaço político no congresso e uma onda de manifestações anti-britânicas surgiu liderada por Mahatma Gandhi, um dos maiores líderes

indianos. Com o fim da II Guerra Mundial, 1945, o governo indiano anunciou em 1947 a independência e a partilha da Índia em dois estados: o Paquistão e a Índia. A divisão provocou enormes deslocamentos populacionais e grandes massacres, cerca de 500 mil mortos).

Ele conseguiu emprego, mas um emprego, eu diria, muito difícil. O trabalho que ele fazia era de quarto nível, baixo nível de vida, trabalho muito manual. E daí, eu não podia estudar e comecei a trabalhar. Com treze anos de idade, eu voltei a estudar. Então, eu fui logo para... eu fiz supletivo. Eu fiz prova para a oitava série, e eu passei bem. Segundo lugar no total. E daí fui para high school, como chama?

Entrevista - Científico?

Harbans - Ah, científico, segundo grau. Depois do segundo grau eu não tinha nada pra fazer, porque eu não

"Eu trabalho na Medicina agora, com psicólogos, mas porque eu gosto. Todos os assuntos que estão ligados com seres humanos sempre me tocaram (...)"

tinha possibilidade... não tinha universidade lá onde eu ficava. Então, eu tinha que sair de lá (na época, Harbans morava com a família na cidade de Sunam, na Índia). Pra sair, como que eu ia sustentar a família? Como que eu ia ajudar a família? Um dia me aventurei e saí de lá. Um parente do meu pai morava em um lugar e dois filhos dele estudavam lá (em Hissar, cidade indiana). Eu escapei sem falar nada com meu pai. E lá tinha uma universidade. E eu me lembro que fui para lá.

Daí quando cheguei, comecei a ensinar para os dois filhos do parente do meu pai. Eles gostaram. Daí, onda vai, onda vem, eu tinha quase cinco ou seis alunos para ensinar, basicamente Física e Matemática. Eu comecei a ensinar e fui ganhando dinheiro e mandando pra casa. Depois consegui transferir meu pai para o mesmo lugar. Aí nós ficamos juntos. Agora é o seguinte: eu tinha de decidir, porque eu tinha a possibilidade de fazer Medicina e Engenharia também. Não tinha problema nenhum porque tinha notas

muito boas, então podia ser em qualquer área. Para fazer Medicina, que era o meu interesse principal - Medicina Preventiva para ajudar a pessoa a não ter doenças -, eu tinha que sair de lá para outro lugar, porque não tinha escola de Medicina lá. Eu sabia que Medicina exige muito da pessoa, tem muito assunto pra estudar. Eu tinha que decidir (pois tinha necessidade de trabalhar para ajudar a família). Fui selecionado para Engenharia Elétrica, mas também teria que ir para um lugar muito distante e eu não sabia como iria fazer. Eu não me peguei assim... com muita coragem para ir lá e ainda manter todas as responsabilidades com a família, quatro irmãos, irmãs e meu pai e mãe.

Entrevista - Só o senhor que trabalhava, os seus irmãos não?

Harbans - O meu irmão mais velho enrolou a gente tanto! Roubou casa, foi pra prisão... é uma outra história. Meu irmão deu tanto trabalho para gente, tanto trabalho que você não pode imaginar. E os outros eram menores, né? (Harbans é o segundo entre os cinco filhos)

Entrevista - Você mesmo disse que trabalha desde criança, já vendeu limões na rua, lavou pratos, ajudava a sustentar a família. Hoje você ensina na universidade, dá cursos, palestras e ainda realiza trabalhos voluntários em algumas instituições. Você acha que Harbans e trabalho são indissociáveis?

Harbans - Não, mas há uma diferença agora, porque agora eu faço por vontade. Veja bem a diferença: agora eu faço o que eu estou querendo fazer. Por exemplo, a Física hoje é um veículo para mim, não é para sobrevivência. Naquela época, era viver da Física para sobreviver. Eu trabalho na Medicina agora, com psicólogos, mas porque eu gosto. Todos os assuntos que estão ligados com seres humanos sempre me tocaram, mas naquela época eu não podia fazer isso. Eu tinha desejos, de ser cantor, de ser humorista. Porque o humor para mim... eu captei com treze anos, catorze anos de idade, que humor é para a pessoa viver bem. As dificuldades quando vinham, eu sempre procurava o lado humoroso da situação. Então, o humor para mim é um veículo para a boa vivência. Mas se eu achei que isso é bom para mim, por que não para as outras pessoas? Esse livro de humor ("Viva melhor rindo e sorrindo", de Harbans Lal Arora, publicado em 1996 pela UFC) é uma consequência daquela época de treze anos de idade. Eu



No primeiro contato com a equipe de produção da entrevista, por telefone, Harbans mostrou-se muito lisonjeado por ter sido escolhido pelos alunos.

A data da entrevista foi acertada com mais de um mês de antecedência para que o entrevistado pudesse encontrar um espaço na sua agenda sempre lotada de compromissos.



O modo de vestir de Harbans deixa transparecer sua simplicidade. Ele usava calça cinza, camisa de algodão listrada e sandálias tipo franciscanas

comecei a coletar anedotas que apareciam em inglês, em urdu (*dialeto indiano*), em várias línguas da Índia que eu estudava. Eu pegava e ia juntando e depois modificando, adaptando, dramatizando.

Ele cantor, porque eu estava com dois ou três rapazes e um rapaz que cantava muito bem. Eu achava "esse rapaz é tão bom", eu gostava demais. Eu acompanhava quando ele cantava com o tom dele. Ele era muito bom cantor, daí eu me interessei.

Entrevista - *Você se formou em Física lá (na Índia). E quanto tempo você ainda passou lá antes de sair pro... (Canadá)*

Harbans - É o seguinte, eu me formei em 57. Fiz graduação. Eu trabalhei dois anos no mesmo lugar dando aula, como auxiliar de ensino. Depois eu fui fazer mestrado. Eu fiz mestrado em Física Nuclear (*no Instituto de Tecnologia e Ciências Pilani, na Índia*). Voltei, entrei e continuei no mesmo lugar para ensinar. Sai de lá fui pra Nova Deli (*capital da Índia*), para fazer doutorado. O meu orientador foi para o Canadá. Ele me disse o seguinte: "Você tem duas opções: posso arranjar um lugar pra você ensinar em Nova Deli, ou você vai pro Canadá". Eu disse: "Prefiro o Canadá". E aí eu fui pro Canadá.

Entrevista - *Por que você preferiu o Canadá?*

Harbans - Pra conhecer o mundo, meu amigo! (risos). *You know the world. Would you like to know the world?* (Você conhece o mundo. Você gostaria de conhecer o mundo?) *Aloha!* (saudação havaiana). Eu queria conhecer o mundo.

Entrevista - *Depois do doutorado, não tinha possibilidade de você continuar no Canadá?*

Harbans - Depois do pós-doutorado, sim. Mas antes tinha uma possibilidade... por exemplo, uma pessoa me chamou pra ser chefe de departamento de Física e Matemática de tal lugar. Mas o diretor me pediu para eu deixar por escrito que iria trabalhar três anos no mínimo. Ele sabia que eu tinha doutorado, que amanhã ia aparecer uma coisa mais assim... no nível da universidade da qual eu saí. E eu: "Não, não quero deixar por escrito, não, porque eu não tenho certeza do que vou fazer". Daí, nessa época apareceu Fortaleza.

Entrevista - *Qual era a visão que o senhor tinha de Fortaleza? Do Brasil?*

Harbans - Não tinha nada. Minha visão era como a que tem nos Estados Unidos sobre a Índia.

Entrevista - *Você não tinha referência nenhuma?*

Harbans - Não, a gente lia nos jornais, mas os jornais são tão bitolados! Naquela época, foi sequestrada uma pessoa aqui... na época do Médici, 1969 a 70, não me lembro quem. Algum desses filmes foi baseado nisso, não sei. E toda a informação era essa: "O Nordeste não tem biblioteca". Um rapaz me contou isso: "Nem em São Paulo tem biblioteca, imagine no Nordeste!". Eu disse: "Meu irmão, eu conheço o que você fala sobre a Índia, aqui no Canadá. Vocês falam tanta besteira sobre o nosso país, a mesma coisa deve ser para o Brasil. Eu vou conhecer". Vamos lá. Eu cheguei aqui, claro, tinha dificuldades, mas não era aquela imagem que ele projetava. É muito assim... distorcida. Falta de comunicação de novo, né? Eu não sabia. Comunicação é distorcida. É assim... direcionada, alienada.

"As dificuldades quando vinham, eu sempre procurava o lado humoroso da situação. Então, o humor para mim é um veículo para a boa vivência."

(Refere-se a Emílio Garrastazu Médici, presidente do Brasil de 1969 a 1974. O regime militar durante o governo Médici expressou-se da forma mais dura, através de prisões, torturas, banimentos, aposentadorias forçadas e outras formas repressoras. Vários grupos de oposição contestaram o regime através de ações armadas como atentados, seqüestros, e assaltos. Em 1969, o embaixador americano Charles Elbrick foi sequestrado no Rio de Janeiro pelo Movimento Revolucionário 8 de outubro, MR-8, e solto alguns dias depois em troca de presos políticos. O episódio foi narrado no filme "O que é isso companheiro?", que concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1997. O filme, do diretor Bruno Barreto, baseou-se no livro do deputado federal e ex-integrante do MR-8, Fernando Gabeira.)

Entrevista - *Como foi você chegar aqui e já começar como professor?*

Harbans - Professor titular visitante.

Entrevista - *Você conhecia a língua (portuguesa)?*

Harbans - Nada. É o seguinte: eu fui pra Montreal (*cidade ao sul do Canadá, quase na fronteira com os Estados Unidos*) para pegar o visto e lá eu procurei livro em português e em inglês e encontrei um livro publicado em Portugal. Um livro pequeno com alguns vocabulários. Comecei a dizer água, casa, sim, não. Essas palavras... tá entendendo?

Quando a gente veio pra cá, eu falava muito pouco. Eu me lembro das experiências que nós passamos. Foram formidáveis... Sabe café da manhã? Em Portugal, chama-se desjejum. Agora o seguinte... Café da manhã traduzido em inglês: *morning coffee*. O rapaz chegou lá: "Querem café da manhã?" A minha esposa disse: "Eu não gosto de café" (risos). Nós ficamos três dias no Hotel Iracema sem tomar café nenhum, café da manhã...

Tinha o Restaurante Lido lá próximo. A gente tomava café, leite lá. Não tomava nada no Hotel Iracema. (risos) Já pensou?! Café da manhã. Ele dizia café, a gente ia no dicionário: "Café, manhã... *morning, coffee in the morning, morning coffee*". Significa: coffee que toma pela manhã. "Eu não gosto de café". Resultado... (risos)

Entrevista - *O senhor saiu da Índia pro Canadá, um país que tem muita influência também da Inglaterra, também foi colonizado. E a gente sabe aqui no Ocidente que a Inglaterra tem um pouco de preconceito com a Índia...*

Harbans - Tem sim.

Entrevista - *Quando o senhor chegou ao Canadá que tipo de preconceito o senhor enfrentou? Teve algum, quando o senhor foi estudar?*

Harbans - Vou explicar. É o seguinte: tem vários indianos que estudam lá no Canadá. Vários indianos também que moram e estudam na Inglaterra. Então, aquele conceito que eles têm... normalmente é sobre pessoas que são de (pausa) trabalho manual e não de intelectual. Porque nós competimos muito bem com os ingleses e acima deles (enfático). Isso é uma das coisas que é importante lembrar! Quando eu cheguei no Canadá, fiz prova e *tarará, tarará*... Todo mundo dizia: "Ah! Rapaz inteligente!" Vinhao inglês para ver: "Ah! Tem dificuldade? A gente ajuda". É muita exigência, porque nós temos de subir bastante para não sermos maltratados. Tem preconceitos sem dúvida nenhuma! É claro que tem!

Antes de ser entrevistado, Harbans ministrou uma sessão de relaxamento para a turma e explicou que os exercícios de respiração que fariamos trabalhavam corpo e mente.

Entrevista - E o mestrado em Física Nuclear? Houve possibilidade de o senhor trabalhar com armamentos em laboratório...

Harbans - Não, é o seguinte: meu trabalho mais foi teórico no armamento, não foi muito de laboratório. Eu não era bom de laboratório, não.

Entrevista - Mas não houve convite para o senhor trabalhar em laboratório?

Harbans - Sim, tinha. Em Bombaim (uma das principais cidades indianas, capital do estado de Maharashtra, a oeste da Índia), eu tinha convite. Eu fui lá e fui selecionado também para trabalhar no reator. Reator atômico, né? Mas eu não queria, não. Foi bem naquela época do Canadá. Eu tinha de escolher. Tinha três possibilidades: um emprego em Nova Deli, outra possibilidade em Bombaim - Atomic Energy Commission, na Comissão de Energia Atômica de Bombaim, nacional, - e terceira era Canadá. Fui para o Canadá. Daí, quando cheguei no Canadá, eu mudei área de estudo. Mudei para Física Quântica, sai da Física Nuclear.

Entrevista - Por que você abandonou a Física Nuclear?

Harbans - Porque a Física Nuclear normalmente leva para alguma coisa ligada a armamentos, direta ou indiretamente. O apoio que você recebe para fazer pesquisa vem de militares, minha filha. Sessenta por cento das pesquisas nos Estados Unidos vêm dos militares, do Pentágono (nome dado ao ministério e ao estado-maior do exército dos EUA, em razão da forma do edifício que os abriga em Washington, desde 1942), indiretamente ou diretamente. Até Psicologia! Fazem pesquisa em Psicologia apoiada pelos militares. O que me impressionou... Quatrocentos milhões de dólares foram aprovados para fazer pesquisa em câncer de mama apoiada pelos militares. Eu nunca entendi porque os militares vão atrás da mama da mulher, né? (risos de Harbans). Já pensou! Quatrocentos milhões de dólares foram aprovados e eu fiquei impressionado. E eu não sei o que eles querem saber. Em grande parte das pesquisas o apoio é dado pelos militares. Seja teórico, seja prático.

Entrevista - Mas não há nenhum... Deve haver algum ramo da Física Nuclear que seja em benefício da humanidade.

Harbans - Claro! Você usa energia nuclear para fins pacíficos: para energia elétrica ou para Medicina,

para saúde, enfim... Eu preferi entrar numa outra área, que eu sou teórico. gosto mais dos fundamentos, de compreender... Porque convém sentir que a Física, na sua profundidade, é muito ligada com Yoga, ligada com Psicologia. Eu percebi quando tava no Canadá, mas não me liguei com isso. Agora que tô, agora que entri...

Entrevista - Falando nisso, o seu modo de vida é baseado nos fundamentos da holística (Originada do termo holismo, criado em 1926 pelo filósofo sul-africano. Jan Christian Smuts. Holística é o que se pode definir como uma visão não fragmentária das coisas; uma visão que abrange a realidade como um todo, sem desconsiderar as partes desse todo). De certo modo, esses fundamentos fazem com que o ser humano trabalhe mais o espírito, seja menos individualista...

“O próximo século será caracterizado pelo estudo, aperfeiçoamento e aplicação das ciências altamente consideradas não-científicas.”

Harbans - Espírito não. Espiritualmente seria melhor. Espírito é ainda muito limitado, espiritual sim.

Entrevista - Eles (os fundamentos da holística) fazem com que o homem se enxergue como parte de um todo... Como você procura aplicar isso nas suas aulas?

Harbans - Ah, sim! Nas minhas aulas, eu faço uma bagunça total (risos). Então já é holística, né? Meu aluno tem liberdade de fazer qualquer pergunta. Eu provoço perguntas dando aulas de Física: “Vamos fazer uma relação, ok? O que significa essa relação?” Logo mudo para Economia ou para Bioquímica, para Agronomia... Eu procuro uma relação e levo para várias áreas. Desperto o interesse de pessoa em pessoa: “Não é possível?!”. “É possível!”. O aluno gosta, porque ele quer conhecer realmente, né? E de vez em quando... “Pára! Nada de Física! Nada. Vamos acabar com isso! Vamos fazer relaxamento. Vamos trabalhar juntos para vocês se sentirem bem”.

Eu uso música, certo? E nas minhas aulas também... Porque o nosso obje-

tivo é despertar a curiosidade dentro dos alunos. Porque tem muitos curiosos que querem saber, mas tem gente que não dá possibilidade. E outra coisa: “Eu tô lá pra aprender! Não sou aquela coisa, né... PhD (fecha o colarinho da camisa fazendo pose). Entende? Aquele PhD que fecha aqui (repete o gesto anterior) e nem pode falar. Eu sou esse PhD? Sou não! Eu sou PhD aberto (abre bem a gola da camisa). A gente aprende com vocês, com o comportamento das pessoas, com a maneira que fazem perguntas...”

Entrevista - Mas a adaptação dos seus alunos e dos seus colegas de profissão foi fácil?

Harbans - Não, muito fácil não. O aluno primeiro estranha: “Deve ser doido, né?!”. Isso, no início, há quatro, cinco anos atrás quando comecei... No início! Com o tempo, minha doidice ficou conhecida, certo? Muita gente quando entra na sala de aula sabe que sou doido, professor diferente. E tinha muito a posição (contrária) dos meus colegas. Tinha bastante, mas eu agüentei. Eu sabia que ia ser normal o processo. Eu fazia relaxamento, meditação todo dia pra ter mais paciência. Porque as pessoas não estão acostumadas com isso.

Eu me lembro um rapazinho lá sentado quando eu falei sobre essa idéia bem geral, ele levantou: “Eu não gosto disso não!”, ele disse. “Você tem toda liberdade para gostar ou não gostar!”

Entrevista - Falou sobre o quê?

Harbans - Eu falei no primeiro dia quando entrei: “Amigo, aqui não é professor nenhum. Eu sou facilitador. Acabe com essa idéia de professor e docente-discente. Porque tem muito docente (pausa) doente”.

Entrevista - E quanto aos outros professores?

Harbans - Deixa eu primeiro completar esta parte. Eu falei com eles: “Eu estou aqui com vocês, vamos aprender juntos. Eu fiz doutorado, mas isso não quer dizer nada. A aprendizagem não tem barreira nenhuma. Eu tô aqui para aprender e compartilhar com vocês e a nossa aula vai ser bem abrangente. Nós vamos estudar várias coisas, por exemplo, Físico-Química da respiração. Vamos aprender Termoquímica Nutritiva”. Inventava termos novos, né? A Termoquímica (área da Termodinâmica que trata das quantidades de calor postas em jogo nas reações químicas) pode ser usada para alimentos, para bebida, para cachaça... por que não?



Durante o período de produção da entrevista, Harbans recebeu inúmeras ligações da equipe para tirar dúvidas. Em todos os telefonemas foi muito prestativo e atencioso.

A entrevista foi realizada no Parque Adahil Barreto (antigo Parque do Cocó). Como é característico dele, Harbans chegou pontualmente às 14h30min.



Harbans tem três livros publicados: "Ciência Moderna sob a Luz do loga Milenar", "Biomassa: Fundamentos e Aplicações Tecnológicas" e "Viva Melhor Rindo e Sorrindo".

Dai, quando falei isso, um rapaz em sala disse: "Isso não é o que vim aprender aqui". "Realmente, você tem toda razão. Você não veio aqui aprender isso não. Mas fique à vontade. Aqui tem muitos bons professores, posso dizer os nomes deles. Se você quiser, eu até recomendo você para (eles)".

Ele saiu de lá. Muita gente olhou para ele, porque os alunos estavam meio empolgados com a idéia, né? Depois de quinze minutos ele voltou. Ele ficou lá fora, tímido, né? Eu olhei para ele: "Quer entrar?". Ele: "Posso entrar?". Eu: "Bem-vindo". Ele entrou. Quando ele sentou, ele disse: "Sabe, estive com dois professores e eles disseram: 'Você saiu da aula do melhor professor que tem aqui, porque tem visão abrangente, fala sobre várias coisas...'. Fiquei até feliz. Daí, ele entrou e foi meu melhor aluno. Aconteceu.

Entrevista - Por esta sua interdisciplinaridade...

Harbans - Loucuralidade, loucuralidade (corrige rindo).

Entrevista - Pluralidade. A gente nota muito... Na época de Leonardo da Vinci, (1452-1519, artista e pensador italiano renascentista. Foi pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, poeta, músico e cientista. É autor do famoso quadro *La Gioconda*, a *Mona Lisa*) o homem sabia um pouco de Geografia, sabia um pouco de Física, de tudo. E o senhor fala de Química, depois fala de Economia... Nós estamos voltando a esse homem?

Harbans - Isso é grandeza. Você tá me comparando com uma pessoa tão grande, né minha filha? (Referindo-se a Leonardo da Vinci). Mas se a gente fizesse dez por cento do que ele fazia aí já seria uma coisa muito boa. Não, mas a idéia é a mesma. A idéia é a mesma (enfático). Ele foi uma pessoa versátil, fora de série. Qualquer assunto que ele pegou, levou pra frente porque tinha visão... a abordagem era ampla. É holística isso.

Entrevista - Era holística?!

Harbans - Holística, exatamente. Ele compreendia perfeitamente a holística. A gente tá falando agora tanta coisa, né? Ele compreendia perfeitamente, o Da Vinci.

Entrevista - A ciência tá indo por esse caminho?

Harbans - Deveria. E o próximo século é pra isso mesmo. O próximo século será caracterizado pelo estudo, aperfeiçoamento e aplicação das ciências altamente consideradas não-científicas. As coisas que a gente acha

não-científicas, isso é o que nós vamos estudar. São não-científicas porque nós limitamos a ciência. Este será próximo século. Eu acredito que nos séculos XVI e XVII era assim.

Entrevista - Quais são essas não-ciências que você tá citando?

Harbans - Abordagem (pausa). Abordagem. Física tá relacionada com vida, vida tá relacionada com Química, Química tá relacionada com evolução, evolução com comunicação, comunicação com economia, economia com negociação, negociação com... relacionado com qualquer coisa. A questão é que nós limitamos a ciência. Médico: fisiologia, coração... Psicólogo: inconsciente, subconsciente. Nada mais. Daí, o grande problema da humanidade atualmente é esse: limitamos e especializamos demasiadamente e esquecemos da visão da inteireza. Conseqüentemente, tem tudo e não

“O grande problema da humanidade atualmente é esse: limitamos e especializamos demasiadamente e esquecemos da visão da inteireza.”

tem nada. Veja bem, é a mesma coisa com o ser humano. Ele tem boa saúde. Igual a definição de saúde? "Rapazinho bonitinho, né?" (mudando o tom de voz). Claro que também faz parte, mas internamente... a pessoa nem consegue dormir à noite...

Que que é pessoa bem-sucedida? É quem tem muito dinheiro. Não é isso a primeira coisa que pensamos? Quem tem dinheiro é bem-sucedido. Pergunte àqueles bem-sucedidos, que têm muito dinheiro, se são bem-sucedidos mesmo? Daí porque eu uso a teoria de Maslow (*Abraham H. Maslow, 1908-1970, psicólogo, consultor americano e um dos maiores especialistas na área de motivação humana*). Maslow fez o estudo da pessoa considerada bem-sucedida. Vamos ver o que são bem-sucedidas mesmo: são pessoas felizes, com menos apego com tudo o que têm.

Quando Freud (*Sigmund Freud, 1856-1939, neurologista e psiquiatra austriaco, criador da Psicanálise - método de tratamento das neuroses e psicoses, por meio de uma investi-*

gação psicológica profunda dos processos mentais) estudou pessoas doentes, ele estudou pessoas sadias. Quando Freud estudou pessoas nos hospitais, ele estudou a vida cotidiana. Há pessoas que têm tudo ao redor, mas não estão apegadas com as coisas. E ele queria saber o porquê. Daí, chegou do outro lado, na visão holística.

Entrevista - Como é que o senhor acha que é possível reverter esse processo de fragmentação?

Harbans - Precisa de mais cem anos, cinquenta anos, né? Mas o que a gente tá fazendo aqui não é isso? Vocês são futuros líderes, futuros comunicadores. Vocês têm visão ampla e estão na mídia, estão criando a visão da Ciência, da Psicologia... O ser humano precisa de tudo. Tudo. O ser humano precisa pensar, sentir, ser criativo, ser espiritual.

Entrevista - Como é que você vê, encara a questão da globalização mundial que tá sendo tão difundida agora?

Harbans - Rose Marie Muraro... Todo mundo conhece? (*escritora feminista. É formada em Física, mas nunca exerceu a profissão, dá palestras em vários congressos e seminários internacionais sobre a questão feminista. Seu primeiro livro, "Mulher na Construção do Mundo", foi lançado na década de 1960 e vendeu cerca de dez mil exemplares em apenas três meses. Entre outros livros, escreveu "Automação e o Futuro do Homem", "Libertação Sexual da Mulher" e "Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil"*). Então, ela vai falar sobre globalização, vai falar sobre economia, vai falar sobre problemas asiáticos... tudo isso, né? E eu vou complementar essa parte da globalização, falando sobre o desenvolvimento globalizado do ser humano. Eu vou falar sobre ser humano e sua globalização. Devo dizer: sem essa globalização dentro da pessoa, seu relacionamento com os outros, suas maneiras de comunicação, sua maneira de agir, sua fraternidade... sem essa globalização, não vamos muito longe. Vamos criar mais barreiras. Vamos criar mais problemas. Quando você não sente o problema de outra pessoa, não adianta. Não importa tecnologia, nem acabar com o desemprego. Nós temos de refletir o que é que a globalização vai fazer. O que é a globalização? O que traz miséria e miséria?

Entrevista - Essa globalização (humanizada) não seria uma visão holística do mundo?

Ele distribuiu quatro exemplares de seu livro "Viva Melhor Rindo e Sorrindo" para o grupo de entrevistadores, e desculpou-se por não ter presenteado todos.

Harbans - Deveria ser, mas tá limitada atualmente para política e economia. É como a globalização ocorre agora. E também está baseada não muito na produção. Mais se baseia na especulação do que na produção. Porque quando tem produção, tem emprego. A especulação não gera empregos. Você vê, uma coisa aconteceu lá na Malásia, na Indonésia e influenciou o mundo inteiro, alertou o mundo inteiro. Não foi com base na produção, não. Não foi porque aumentou a produção de arroz, de feijão ou a produção de castanha. Foi por causa da besteira dessa bolsa de valores. Isso tem de ser repensado também. Globalização através da especulação não vai muito longe. Pode gerar crise. Quantas medidas o governo tomou para evitar problemas? Sabe quais foram as conseqüências? Desemprego aumentou, aspectos sociais foram tirados, duplicou taxa de juros. Medidas tão assim drásticas, tomadas por causa do medo. Medidas de medo. Não são medidas refletidas, não são medidas desenvolvimentistas. (Refere-se à crise das bolsas de valores nos países asiáticos, que alcançou repercussão mundial no final de 1997. O Brasil, seguindo recomendações do Fundo Monetário Internacional, FMI, dobrou os juros e recorreu a iniciativas de emergência para tentar reter o capital estrangeiro no país. O custo da derrocada foi debitado à população, através da alta dos preços e da queda do poder aquisitivo, com mais inadimplência e desemprego).

Entrevista - Aqui no Brasil, a gente vê ioga em revista feminina, um pouco como ginástica. As pessoas também confundem, por causa da meditação, com religião. E a ioga tá mais ligada com a ciência mesmo...

Harbans - Pergunta muito relevante, muito bonita. Como cientista, a nossa responsabilidade é demonstrar que ioga é linguagem. Em sânscrito (antiga língua clássica da Índia, a mais velha da família indoeuropéia), ioga significa integração, um balanço dinâmico, uma harmonização entre dois hemisférios. Entre yang e yin, entre nervo simpático e parassimpático (sistemas nervosos autônomos). Quando a gente fala essa linguagem, não tem nada de religião. Aquela religião fragmentada não aparece. Eu fiz exercícios com vocês. Eu falei sobre religião? Daqui a pouco vou fazer outra meditação com vocês sem falar em religião, não precisa! Então,

você ter religião ou não ter religião tanto faz. Saber qual é a sua religião, para mim, não faz diferença nenhuma.

Entrevista - E quando o senhor viu essa ligação da ciência quântica com a ioga?

Harbans - Agradeço à minha cara-metade. Aliás, mais do que cara-metade, minha mulher. Minha mulher é professora de ioga há 22 anos. Eu estimei ela para fazer a ioga, ioga prática, e começar a dar aula. Ela foi para Índia, foi fazer cursos... Ela tinha dor de cabeça muito forte, há muitos anos. Ela tentou vários medicamentos... Daí ela fez curso e começou a ensinar. E ela um dia chegou pra mim... eu tava muito empolgado com aquelas consultorias internacionais (Harbans foi consultor para América Latina e Caribe do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento; OLADE, Organização Latino-americana de

“(A globalização) mais se baseia na especulação do que na produção. Porque quando tem produção tem emprego. A especulação não gera empregos.”

Desenvolvimento e da FAO, Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. As consultorias eram nas áreas de Energia, Ecologia e Desenvolvimento Sustentável). Era uma loucura! Vaidar uma consultoria, volta de novo, faz relatório, dá aula... Era tanta coisa junta que eu tinha pouco tempo para a família. E um dia minha mulher chegou pra mim e inventou uma história. É a seguinte: “Você não é cientista? Você deveria explicar como funciona essa coisa do exercício de ioga. O pessoal quer saber como funciona. O senhor pode me ajudar?” E ela fez uma coisa interessante. Combinou com uma amiga dela de Salvador, Bahia, e preparou o ambiente para ela convidar nós dois para darmos um curso lá. De repente. Maria Alice liga para mim: “Harbans, você não disse que tem doutorado em Física? Dizem que há muita ligação entre Física e ioga.” Ela mandou um livro para mim e eu já marquei o dia para dar um curso lá. “Você fala sobre Física Moderna e ioga”. Resultado: eu não tinha nenhuma alternativa, não sabia nada sobre o

assunto, porque estudava ioga mas não como cientista. Eu me empolguei com a idéia e daí agradeço a minha mulher de todo coração. E a ioga é a ciência da vida. Isso é o que eu compreendi. E cada vez mais vi que Física Quântica casa tão bem com isso! Daí, vi o livro de Capra “Ponto de Mutação”, e me aperfeiçoei sobre isso. Li todos os livros dele. Li quase 50 livros! Fiz contato com várias pessoas no mundo inteiro sobre essa área. (Fritjof Capra, escritor austriaco com pós-doutorado em Física pela Universidade de Viena, realizou pesquisas sobre Física de alta energia em várias universidades da Europa e dos Estados Unidos. Fez conferências e publicou vários trabalhos sobre as implicações filosóficas da ciência moderna. Também é autor de “O Tao da Física”, best-seller que vendeu meio milhão de exemplares. Seu livro “Ponto de Mutação”, que deu origem a um filme com o mesmo nome, mostra como a revolução da Física Moderna prenuncia uma revolução iminente em todas as ciências e uma transformação da nossa visão do mundo e dos nossos valores).

Entrevista - Harbans, você passou doze anos fazendo essa pesquisa sobre fontes de energia, não é isso?

Harbans - É, de 78 a quase 90. Comecei a desviar um pouquinho e em 84 comecei ioga. Em 86, comecei com essas consultorias. E daí as consultorias continuaram até 92, 93.

Entrevista - E os trabalhos voluntários, você começou quando? (Harbans coordena uma equipe de aproximadamente 30 voluntários que dão apoio psico-espiritual a pessoas doentes nas seguintes instituições: Instituto do Câncer do Ceará e Centro de Convivência Madre Regina, freqüentado por portadores de HIV, Human Immunodeficiency Virus, vírus da imunodeficiência humana ou vírus da Aids; também coordena um trabalho de musicoterapia no Hospital Geral de Fortaleza e no hospital infantil Albert Sabin).

Harbans - 90, 91.

Entrevista - Como foi essa passagem?

Harbans - É o seguinte. Eu fui na casa de um amigo nosso e vi uma revista lá em espanhol: “La música relaxante que saluda las personas com los problemas de hemodíalise”. Na mesma época, tinha uma outra revista que falava sobre câncer, uma pesquisa realizada, dizendo que quando



Sentados sobre a grama ou esteiras, entre árvores, pássaros e muito verde, os alunos realizaram a entrevista que durou pouco mais de duas horas.

Enquanto respondia às perguntas, Harbans gesticulava muito e parecia estar à vontade. De vez em quando, tocava carinhosamente as pessoas que estavam ao seu lado.



Harbans é professor titular do Departamento de Físicoquímica da Universidade Federal do Ceará desde 1978. Chegou a Fortaleza em 1971 para ser professor visitante

a pessoa faz relaxamento pode controlar a multiplicação das células do câncer. Eu peguei isso e disse: "Essas coisas estão interligadas". Então, as duas coisas se juntaram.

Terceira coisa. Eu recebi de Brasília, da Universidade Holística (Universidade Holística Internacional - Unipaz - nasceu com o intuito de incentivar o desenvolvimento harmônico em todas as áreas, considerando o homem como ser integrante do universo. Possui unidades instaladas em vários estados brasileiros e também na Costa Rica e no Japão. No Ceará, o campus avançado Unipaz foi criado em setembro de 1996 e é coordenado por Harbans), que tinha começado em 87, um folder de um encontro lá. Era "C", "H", "I" (soletrou), chi, né? Eu pensei: "chi, chinesa", e nem liguei. Botei na minha mesa. Mas era um chi, I Congresso Holístico Internacional. E lá (no folder) perguntaram: "Alguém tá interessado em desenvolver trabalho?". Daí rapaz, foi quando eu comecei a compreender um pouquinho como o relaxamento, como a técnica de meditação ajuda os pacientes. Eu usei aquele trabalho feito nos Estados Unidos e fiz, em quase quatro dias, um trabalho de quase dez páginas. Eu usei a teoria sinérgica de um alemão (Herman Haken, médico alemão, professor da Universidade de Stuttgart, na Alemanha), que eu tinha lido no Canadá, e apliquei para essa área. Mande o trabalho para ele. Agora vem a minha felicidade: em quinze dias, acho que vinte dias, chegou uma carta dele dizendo: "Seu trabalho é muito bom, gostei muito, é muito profundo, e só queria mudar uma linhazinha." Ele mudou só uma linhazinha do meu trabalho. Aquela noite eu não dormi nada, não (fala orgulhoso). Escrever trabalho, e receber comentário de Doctor Haken, Universidade de Stuttgart... Ele me disse: "Quando você quiser visitar minha universidade, gostaria de convidá-lo para dar uma palestra". Eu não sabia nada do assunto, tinha só começado. Eu corrigi e mandei uma carta para ele dizendo: "Eu gostaria que você fosse co-autor do trabalho, porque você aprovou isso". Ele disse: "Não, você é o autor, no futuro a gente pode fazer trabalhos juntos". Isso foi muito intuitivo para mim, porque musicoterapia... era o meu primeiro trabalho. E levei musicoterapia para o Instituto do Câncer do Ceará. Era outra história muito longa, mas isso não entra não, porque como a gente entrou

em dificuldade, que a gente tinha assim...

Entrevista - Harbans, os métodos que você aplica quando você faz o seu trabalho voluntário não são métodos convencionais. Qual foi a reação dos pacientes quando você chegou a primeira vez para trabalhar?

Harbans - Você pode perguntar qual foi a reação das enfermeiras e médicos.

Entrevista - E como foi também a deles?

Harbans - Foi muito negativa. Vou explicar. Eu peguei esse trabalho publicado (na revista em espanhol), ok? Tirei cópia xerox e falei para um amigo meu, o médico Francisco José. Ele viu o trabalho, gostou e disse: "Rapaz, por que você não aplica lá no Instituto do Câncer?". Eu disse: "Mas como eu vou aplicar, ninguém me

“Eu incorporo a Ioga, mas a Ioga tem sua limitação. (...) Não é a Ioga a palavra final, não. Ioga é palavra bem ampla, mas como a gente aprendeu na Índia tem suas limitações”

conhece lá". Ele disse: "Eu apresento você para o dr. Juaçaba, o resto fica por sua conta" (Haroldo Gondim Juaçaba, cirurgião geral, ex-professor da Faculdade de Medicina da UFC, diretor-presidente do Instituto do Câncer do Ceará, onde trabalha desde de sua fundação, em 1944). Porque dizem que ele é muito, sabe como é, convencional. Já tem 50 anos de medicina. Já eu fiz meditação, relaxamento, tudo isso para me preparar. Eu fui lá. Ele marcou quarta-feira, me lembro.

Eu entrei... ele sentado. "Ah, você falou sobre câncer pelo telefone comigo". Eu disse: "Falei". "O que que é?" Eu expliquei para ele. Tinha marcado a linha para facilitar a leitura (refere-se à pesquisa publicada na revista). Ele leu: "69% das pessoas curaram-se do câncer". "Você acredita nisso?". Eu disse: "Não". Foi essa a primeira conversa, direta! "Se ele diz 69%, à primeira vista não acredito, mas não posso dizer que é errado, porque tá lá". Ele olhou para mim: "É, realmente você tem razão. E você acha que é

possível?". Eu disse: "Pode ser, ou até pode não ser. Se ele tá dizendo, segundo ele, é possível. Eu não sei, porque dizem que só 30% dos doentes de câncer sobrevivem, e aqui é o contrário, não é?". "E você gostaria de conversar com outros médicos?" "Eu converso, claro." Em dez minutos, cinco médicos estavam lá. Imagina o gabinetezinho... e a gente começou a conversar. E eu sozinho. Eu não sabia nada sobre Medicina e nada sobre câncer. Deixei o trabalho com ele. Uma semana depois, o doutor me telefonou: "Professor, você não quer falar com os pacientes?". "Claro, eu falo". Daí eu fui com a minha esposa e uma colega nossa conversar com os pacientes. Para o paciente, qualquer coisa que apareça boa para a saúde ele está interessado. Foi a primeira vez que eu toquei um paciente. Eu pensava que você poderia se contagiar com câncer, já pensou?

Não tinha nenhum conhecimento sobre isso. Mas eu senti assim... Chorei muito ao ver pela primeira vez um paciente com câncer! Não conhecia ninguém.

Daí então: "Você não quer trabalhar, dar apoio, botar música e começar a conversar?". Tinha a posição do médico: "Acho que não, isso é loucura, não faz sentido. Acho que o Dr. Juaçaba está ficando doído". Assim, esse tipo de depoimento. As enfermeiras, uma ou duas gostavam e outras não. Mas nós persistimos. Sabe o que acontece agora? Quando uma pessoa da nossa equipe não vai, perguntam: "Cadê os outros assistentes? A gente tá procurando. A gente precisa deles porque os pacientes procuram. Sem vocês a gente não vai longe" (pausa). Mas esse trabalho *hard* não foi fácil, não. Eu fiquei muitas vezes desestimulado. Mas internamente, não, sabe? Só temporariamente.

Entrevista - E a aceitabilidade hoje?

Harbans - Mudou, 100%. A gente entra lá, e chega para as enfermeiras: "Tudo bom, minha filha? Como está?". Ela diz: "Tudo bem." Eu falo com o médico: "Rapaz, eu não vou falar muito com você não, porque senão tenho de pagar consulta. Não tenho dinheiro". E assim faço brincadeiras com eles.

Entrevista - E como é que é a receptividade dos próprios pacientes?

Harbans - Muito boa. Claro que não é todo mundo, não! Nós temos de dar preparação para os nossos voluntários: "Se alguém não quer falar com você, entenda que ele deve estar doente. Problema de saúde é muito

Ele lê, escreve e fala em seis idiomas: inglês, português, espanhol, hindi, punjabi e urdu (os três últimos são línguas regionais da Índia, derivadas do árabe).

sério. Se ele não quer falar com você, não se preocupa. não. Você fala com outra pessoa". Eu tenho uma *experiênciazinha* de que quando uma pessoa não quer falar, você fala com outra. Daqui a pouco, ela olha para você, quando você passa próximo a ela, você dá um *braçozinho*, ela aperta sua mão (pausa). Ela aperta sua mão, ela sente (enfático). Porque é o seguinte, eu me imagino no lugar dela. Eu sou um paciente e à noite sai no jornal que 70% das pessoas morreram segundo uma pesquisa sobre câncer. Dá pra imaginar o efeito que produz nessa pessoa? Ou é a mãe dela que está doente. Ou é a mulher que o marido abandonou porque ela tinha câncer de mama... Então, veja bem, o estado dela está muito abalado. Ai, nós temos que compreendê-la muito mais do que ela compreende a gente. E isso ajuda.

Entrevista - *Eu queria que o senhor falasse um pouco sobre os efeitos desse seu trabalho. Porque eu já li em entrevistas que o senhor fala que já conseguiu identificar que, em alguns casos, o paciente prolonga o tempo de vida, em outros casos, a sua morte se torna menos dolorosa e, em outros casos, até cura de pessoas desenganadas. Eu queria que o senhor falasse como é que é isso e, assim, a relação que existe entre esses efeitos e a fé da pessoa. Se o senhor acha que é preciso que ela tenha fé.*

Harbans - Veja bem, se a pessoa tem fé ajuda, sem dúvida nenhuma. Quando não tem fé, a gente nem diz nada sobre isso. "Verifique rapaz, vamos fazer um relaxamentozinho. Se você se sentir bem... se não se sentir bem, não tem problema nenhum. Mas quem sabe?" Depois diz: "Me senti muito bem. Ontem dormi bem". Compreende? Quando vou pela segunda vez: "Eu confio no trabalho de vocês, mas eu confio em Jesus". "Então, vamos fazer os dois: confiar em Jesus e vamos trabalhar juntos!" (diz empolgado).

Uma médica com câncer, a quem a gente está dando apoio, viu minha entrevista e foi falar comigo. Eu falei linguagem médica com ela. Não falei nada dessas coisas que podem acontecer. Ela disse: "Agora está ficando mais claro o que é câncer pra mim. O negócio tá ficando assim (estalou os dedos num gesto, indicando que as coisas tinham ficado claras)". Eu dei instruções para ela algumas instruções: "Foi tanta quimioterapia, me deu dor de cabeça, caíram os cabelos, tudo" (*quimioterapia é um*

tratamento feito por meio de agentes químicos muito utilizado em pacientes cancerosos. A ação dos químicos provoca efeitos colaterais como queda de cabelo, dores de cabeça e enjoos) Era bonitinha a mocinha, com 40 anos de idade, 2 filhos. Ela usa aquela coisa em cima da cabeça para ... Eu disse: "Posso tirar isso?". Ai ela tirou. Não tinha cabelo nenhum. Eu disse: "Você é uma monja bonita, não acha? Uma monja bonita". Ela começou a rir (falando e rindo ao lembrar). Ai ela: "Sabe o que aconteceu agora? Fui para a quimioterapia e não aconteceu nada. Eu saí de lá e não vomitei nem me senti mal. Eu tô boazinha". Eu já dei várias coisas para ela que eu tenho coletadas. Tirei xerox de artigos para ela ler, porque ela é intelectual também. Pessoa da Medicina, né? E agora ela se sente mais segura em relação ao que está

"Tem que ver qual a linguagem que a pessoa entende. Se vem uma pessoa do sertão, e diz : "(...) Jesus vai me iluminar." Então, vai iluminar mesmo, compreendeu?"

sendo feito. Ela pega essas informações diferentes e casa bem com a sua área. É fundamental. Nós precisamos conversar com a pessoa na área dela e não na minha. Tem que ver qual a linguagem que a pessoa entende. Se vem uma pessoa do sertão, e diz : "Tenho fé em Deus, Jesus... Jesus vai me iluminar." Então, vai iluminar mesmo, compreendeu?

Entrevista - *Harbans, você trabalha com essas pessoas desde 90, e várias dessas pessoas têm doenças malignas, né? Várias delas acabaram falecendo durante esse tempo. Como é que você lida com essa idéia da morte?*

Harbans - É, nós nos preparamos internamente para fazer tudo o que é possível e manter internamente o equilíbrio dinâmico, harmonizado. Quem eu acompanho mais de perto são os aidéticos, porque (para os doentes) de câncer eu tenho nossa equipe. Nossa equipe dá apoio. Eu vou mais para conversar com os médicos, preparar o ambiente, deixar meu livro lá, deixar dinheiro com as enfermeiras, e essa

coisa toda. Dou uma mão para as pessoas lá, para que nossa equipe seja bem tratada. Dou apoio à equipe para ter boa saúde...

Mas eu trabalho diretamente com aidéticos. É uma experiência formidável. Formidável, mesmo (voz emocionada). Quer me visitar qualquer dia? (pausa). É uma experiência formidável mesmo. Tem todo tipo de pessoa lá: você imagina o que você quiser (eleva o tom de voz). Mas eu não pergunto a ninguém como foi que ele foi afetado pela (aids). Não, isso não me interessa. Pra frente!

Tem um rapaz... eu acho que o rapaz diz que se chama, como é... Ingrid. Eu não tô sabendo se é menino ou menina (risos). Sabe o que ele faz agora? Quando eu o encontrei, ele era bem... era bem magrinho. Eu cheguei lá e dei relaxamento para ele. Eu disse: "Você gostaria de fazer alguma coisa que você sabe fazer?". E Ingrid: "Eu aprendi a dar massagens nas pessoas, mas eu estou tão fraco. Como que eu vou dar massagem?" (conta com voz enfraquecida). "Mas você pode passar assim a mãozinha...". "Isso eu posso fazer", respondeu. "Isso é massagem, de coração para coração". Mas ele disse que ninguém estava interessado em... Perguntei: "Alguém está interessado em receber massagem dele?". Só três pessoas levantaram o braço. "Já tem cliente, falta o quê?". Ele: "Professor, eu usava creme, óleo mineral e luvas". Tava lá uma enfermeira que ajuda a gente. "E quanto custam essas coisinhas?". perguntei. Ela fez a conta: "Dá R\$47 (quarenta e sete reais)". "(Tá aqui) R\$50 (cinquenta reais). Compre hoje à tarde. Amanhã, Ingrid tem tudo pronto". "Mas isso é possível?". "Claro que é possível!". Ele começou com apenas duas pessoas. Sabe quantas tem atualmente? Dá massagens para 10 a 12 pessoas. E é tão procurado, tem lista de espera (risos). Lista de espera! Ele ganhou quase 8 quilos de peso! Se você encontrá-lo em qualquer lugar não pode dizer que ele está com HIV. Faz 2 anos. Aquele que o médico achava que não viveria mais 6 meses...

Entrevista - *Mas o que eu quis perguntar é que algumas dessas pessoas chegaram a falecer. Você sente a perda delas? Como é que você lida com a idéia da morte?*

Harbans - Não, não, não. É o seguinte. Eu sinto a satisfação que eu fiz o que podia dar certo... Eu trabalho com pessoas, mas sempre mantenho o estado de consciência um pouco mais



Ao final da entrevista, Harbans colocou em prática a 'terapia do abraço'. As pessoas, 19 no total, trocaram abraços observadas pelos frequentadores do parque.

No currículo de Harbans constam títulos de Pós-Doutor em Física Quântica no Canadá e na Alemanha.



Harbans continua com forte sotaque indiano e confessa que não aprendeu português corretamente, o que dificultou a transcrição das fitas da entrevista.

alto. Nesse sentido, estou preparado. Tem pessoas que, por exemplo, eu chego lá e tá *borzinho*. Na próxima semana, alguém diz: "João faleceu". Eu lido com toda tranquilidade. Sinto, claro! Mas com tranquilidade.

Entrevista - *Você acha que pelo fato de ter raízes no Oriente isso tem a ver?*

Harbans - Pode ser, pode ter ajudado.

Entrevista - *Você acha que os ocidentais são menos preparados para lidar com essas questões?*

Harbans - Eu tava conversando semana passada com minha esposa sobre esse assunto. Eu acho que orientais também não são muito preparados. Nós também não somos muito preparados para a morte. Eu sei que quando uma pessoa morre na família, tem uma semana de choradeira, todo dia. Aqui não é tanta choradeira não, eu acho. Lá na Índia, eu acho que choram demais, talvez.

Entrevista - *Mas o senhor acha que os orientais são mais equilibrados internamente?*

Harbans - Internamente são mais equilibrados, eu acho que sim. Internamente. Mas por fora, cai todo o equilíbrio.

Entrevista - *Harbans, além do trabalho no Instituto do Câncer, você trabalha com crianças doentes, com soropositivos, como você já falou. Quais as recompensas que esse trabalho traz para você? Quando você vai dormir à noite, você pensa que naquele dia conseguiu fazer algumas pessoas mais felizes?*

Harbans - Fico, claro, claro (fala quase sussurrando). E faço uma auto-avaliação, criticamente. E depois de ter feito isso, tento melhorar. Depois, o que a gente faz fica bem melhor. Eu acho que devo uma dedicação muito maior do que a que tenho agora. Mas estou me sentindo aquele rapazinho que queria fazer Medicina Preventiva, e ser cantor e humorista. Estou me sentindo mais ainda.

Entrevista - *Você fala que as pessoas têm fé em Jesus, mas que há uma fé na meta. E o Harbans, ele tem religião?*

Harbans - Não, tem não. Religião assim formal, não. Eu respeito todas as religiões. Estudo, procuro compreender e posso dizer que, na profundidade, toda religião diz a mesma coisa. Na superfície, são muitos problemas, dificuldades, diferenças de comunicação. E há a defesa da religião: "Minha religião é melhor do que a sua, meu deus é melhor do que o seu". Na

profundidade, não. E eu não sou religioso no sentido formal.

Entrevista - *Mas tem uma religião que o senhor se identifica mais do que outra?*

Harbans - Eu nasci hindu, né? Então, tenho mais ligação com o hinduísmo (*Religião atual da maioria dos povos indianos, que teve origem no sincretismo da religião védica introduzida na Índia há mais de 3 mil anos*). Mas eu achei que a ciência da religião era a Ioga. Porque Ioga não é religião. Dai me identifico mais com Ioga do que com qualquer religião. Porque na Ioga, grande parte da Bíblia está dentro. Judaísmo está dentro (*Judaísmo ou jeovismo, religião dos judeus*), maometismo está dentro (*Maometismo, religião fundada por Maomé, líder muçulmano que viveu entre 570 e 652. O mesmo que Islamismo ou Muçulmanismo*). E não

"A independência da Índia é um aspecto, claro, mas o que ele (Gandhi) fez para o desenvolvimento social e espiritual do país me afetou mais do que o líder político."

posso dizer que Ioga é o final, não. Eu incorporo a Ioga, mas Ioga tem sua limitação. Eu estudo budismo (*Budismo, sistema ético, religioso e filosófico fundado por Siddharta Gautama, o Buda - 563 a 483 a.C., que se irradiou pela maior parte da Ásia. Na Índia, foi quase inteiramente absorvido pelo hinduísmo*), e muitas coisas que na Ioga a gente não tem, incorpora. Não é a Ioga a palavra final, não. Ioga é palavra bem ampla, mas, como a gente aprendeu na Índia, tem suas limitações.

Entrevista - *A gente sabe por aqui que você tem um guru, não é isso?*

Harbans - Tenho sim. É mesmo. Eu tenho um guru

Entrevista - *Essa questão do ensinamento deste guru é ligada diretamente à Ioga? Ele ensinou o que é Ioga, o acompanhou? Como foi exatamente?*

Harbans - Eu tive muitas possibilidades de escolher um guru. Apareceram vários, mas eu não tava pronto. Porque dizem que, quando o discípulo

está pronto, o guru chega, né? O guru vem. É muito comum. E quando o guru está pronto, vem o discípulo, o discípulo vem. Mas eu tava atrás de um guru que tivesse abertura, que tivesse visão holística, uma pessoa que não fosse bitolada, uma pessoa que não estivesse procurando dinheiro, pessoa que não estivesse procurando poder... Então, não é fácil encontrar. Dai eu vi o livro de Swami Rama, "Minha Experiência com o Mestre do Himalaia". Quem quiser ler, é um livro bonito. É uma experiência tão mística! Visão mística que a ciência normal não tem condições de explicar. Então eu fiquei tão empolgado com isso que peguei todos os livros dele. Ele publicou 30 livros! Eu peguei tudinho! Ele (Swami Rama) era médico, cientista, psicólogo, filósofo, falava onze idiomas. A pessoa dedicada para esta atividade, tipo a que ele fazia, está em um outro

nível, mais alto. O guru dele era tão aberto que mandou ele ir falar com vários sábios para aprender com eles. Normalmente, guru limitado não faz isso não, porque quer amarrar seus discípulos com ele mesmo (diz com ênfase). Isso me tocou. Quando fui lá para a Pensilvânia (*estado localizado a Nordeste dos EUA*), para receber a primeira iniciação com ele, ele me enrolou por muitos dias. Não dava nada. Enrolou mesmo! Porque ele queria saber até que ponto eu era sério ou meramente um curioso. Isso é uma outra história. Não vou contar tudo, não, porque não temos tempo. Quando ele me deu iniciação...

Entrevista - *Iniciação em quê?*

Harbans - Iniciação significa como fazer meditação profunda. Isso se chama iniciação. Deu três etapas. Quando ele deu a primeira etapa, ele gravou em fita como a gente tá gravando aqui. E quando ele tava fazendo isso perguntei: "O senhor fala inglês ou fala hindi?" (*língua mais falada na Índia, 28% da população do país fala hindi*). Respondeu: "Pode falar hindi". Ele fala a nossa língua, hindi. Fala inglês, mas fala também nossa língua, hindi. Eu senti, naquele momento, tudo ao redor de mim energizado. Eu fui lá como cientista observar tudo, e no final ele disse o seguinte: "Essa é a sua primeira iniciação." Eu perguntei a ele: "Eu trabalho com pacientes de câncer e aids, o que que o senhor acha que eu deveria fazer com eles?" "Medita profundamente, isto é o melhor inicialmente". Não me deu nada de fórmula, técnica para fazer aquilo, sabe? Mas meu trabalho com paciente

Um dos maiores obstáculos na edição da entrevista foi a elaboração de um discurso gramaticalmente correto e, ao mesmo tempo, fidedigno ao que Harbans havia falado.

melhorou tanto depois disso, que eu posso sentir! Ele disse: "Quando a gente se encontrar da próxima vez, eu vou ensinar técnica para você, através da qual a gente pode se comunicar sem ser fisicamente presente." Gostou? Comunicação sem presença (fala pausadamente). Agora me disse o seguinte: "Eu quero que você se realize nessa vida... eu posso orientar, dar orientação para o caminho. Agora, (pausa) andar no caminho é o seu trabalho." A última coisa que ele disse foi: "Quando você estiver pronto para segunda iniciação, me procure." Não ia me aventurar. Eu era muito indisciplinado. Fazia meditação, depois não fazia nada, depois fazia... mas acho que foi uma falha grande não fazer regularmente. E eu não me sentia preparado para a segunda iniciação. Ele deixa você à vontade: "Quando você estiver pronto, me procure." Foi em 93 (corrige), foi em 92.

Depois, a minha mulher foi lá - ainda hoje briga comigo - procurar a primeira iniciação. E ela... ele também enrolou. No último dia ela foi gravar e levou um gravador. E lá falhou, não funcionou, e não conseguiu gravar. E dizem que quando o mestre não quer dar (iniciação) uma coisa pode falhar, porque ele tem toda capacidade de botar tudo pra não funcionar... Aí teve uma briga: "Você, que não sabe nada de Ioga, foi lá e recebeu iniciação. Eu não consegui nada!". "O que que eu posso fazer, minha filha? Deus me ajuda" (risos). Mas a gente usa a mesma orientação que ele deu pra mim. Ela usa também.

Eu demorei bastante (a procurar Swami Rama para receber a segunda orientação). Ele faleceu no ano passado. Mas a minha comunicação com ele continua. Eu sinto a presença dele, sem ser fisicamente presente.

Entrevista - O senhor se comunica com ele por telepatia?

Harbans - Me comunico em outro nível. Eu sinto que estou me comunicando com ele. Qualquer coisa que eu faço, eu sempre converso com ele.

Entrevista - Harbans, você tá aqui no Brasil há um bom tempo, mas pelo seu discurso parece que a questão da origem, da nacionalidade, é muito forte e presente na sua vida ainda. Além da Ioga, que outros hábitos indianos você preserva na sua vida?

Harbans - A primeira questão eu acho que você tem que dizer de novo. A questão de quê? Da nacionalidade?

Entrevista - É, essa questão de ter nascido na Índia parece que é muito forte em você, mesmo após

estar há tanto tempo no Brasil, ter passado pelo Canadá...

Harbans - Não, não...

Entrevista - Então, reformulando: que hábitos o senhor preserva da Índia? Que outros hábitos o senhor ainda preserva fora a Yoga?

Harbans - Da Índia? Alimentação, que eu gosto muito. A música da Índia eu gosto, mas também uso a música brasileira e uso música inglesa também, americana... Nas minhas palestras, eu uso. Aqui, eu não uso música indiana porque ninguém vai entender a música na palestra. Agora, o interesse pela música me incentivou a estudar a música brasileira. Eu uso muita coisa aqui da música brasileira, que é muito parecida com a música indiana nos sentimentos. Mas eu queria esclarecer que não tô muito ligado com Índia nesse sentido (nacionalista), não.

"Quando falam em Deus,
então Deus tá lá
(apontando para o Céu),
nós estamos aqui. Isso é
dualidade. Toda religião
é assim, na profundidade,
são dualistas. Todas!"

Eu me trato assim... Realmente, *we are the world*, do mundo. Claro que me sinto muito bem no Brasil, muito bem no Brasil. Eu peguei a ciência da Índia, que é a Ioga. Isso sim, eu peguei. Mas não sigo nenhum ritual da Índia, não sou hindu formalmente. Eu gosto de fundamentos científicos da Ioga, que é abrangente e é compatível com qualquer terapia, qualquer abordagem.

Entrevista - O senhor acha que o ambiente indiano favoreceu para o desenvolvimento desse seu misticismo?

Harbans - Talvez quando criança, sim. Quando eu era criança, deve ter favorecido.

Entrevista - Esse ambiente mágico da Índia...

Harbans - É, isso deve ter afetado. Eu acho que sim. Apesar de ser um cientista, tem certas coisas que falo que são místicas, naturalmente, né? Por que místicas? Porque a ciência não explica como a gente conhece. A Física Quântica explica, mas isso é outro assunto. Os cientistas ainda não estão reconhecendo isso.

Entrevista - Já que a gente está falando da Índia, um dos grandes líderes da Índia, ou o maior líder, foi Gandhi. O que ele representa pra você? (Mohandas Karamchad Gandhi - conhecido como Mahatma, que significa grande alma - filósofo, advogado e patriota hindu, 1869-1948. O movimento pela independência indiana foi uma de suas principais bandeiras. Ele estabeleceu como remédio para as injustiças sociais e políticas da Índia a *ahimsa* - não-violência - e a *satyagraha* - resistência pacífica. A imagem de Gandhi também esteve ligada à defesa dos pobres e oprimidos. Em janeiro de 1948, foi assassinado por um fanático hindu que o considerava responsável pela separação do Paquistão e da Índia).

Harbans - Muita coisa. Eu tinha onze anos de idade quando ele faleceu, quando ele foi assassinado. Eu chorei.

Eu não conhecia nada do trabalho dele, não. Eu só conhecia a parte da independência da Índia, não conhecia a profundidade da coisa. Se eu tivesse quinze ou dezesseis, vinte anos, eu iria trabalhar com ele. Eu tenho certeza disso. Eu iria me oferecer logo para trabalhar para ele, dedicar meu tempo, sabe? Nem faria doutorado, nada não. (Gandhi) Era uma pessoa sempre muito caridosa, sempre...

Entrevista - O trabalho dele, você acha que é mais encantador pelo papel social que ele conseguiu unir à sua espiritualidade?

Harbans - Eu acho que sim. Isso é mais do que político. O social, juntamente com sua espiritualidade, sua vida cotidiana me afetaram muito. O aspecto político é só um aspecto, mas não o principal. A independência da Índia é um aspecto, claro, mas o que ele fez para o desenvolvimento social e espiritual do país me afetou mais do que o líder político. Eu assisti ao filme de Gandhi quase sete, oito vezes. Cada vez eu choro. Cada vez, cada vez e assisto de novo. Não sou doido? Me influencia muito. (Refere-se ao filme inglês "Gandhi", do diretor Richard Attenborough - de 1982. O filme, que tem 188 minutos, foi vencedor do Oscar de filme, direção, ator, roteiro, fotografia, figurinos, direção de arte e montagem).

Entrevista - O senhor escreveu uma carta ao jornal *O Povo* (um dos principais jornais do Ceará) em resposta a um colunista que falou sobre o Gandhi, e o senhor dizia na sua carta que não se deveria falar desse jeito de um homem que era considerado um santo... (Trata-se de uma resposta de Harbans a uma nota



Apassionado pela música popular brasileira, Harbans utiliza canções de Gilberto Gil como *Quanta, Se eu quiser falar com Deus e Super-Homem*, nas suas palestras.

Antes de mudar-se com a família para Fortaleza, ele chegou a enviar 52 currículos para diversos países, entre eles Austrália, Venezuela e Canadá.



Ele é casado com Ved Arora há 34 anos. Têm duas filhas: Anmol é psiquiatra e mora no Rio Grande do Sul, e Subhashni é economista, cursa psicologia e mora com os pais

publicada no dia 13 de novembro de 1997 no jornal O Povo, pelo colunista social Lúcio Brasileiro. Na nota, intitulada "Saudade do Francis" - referindo-se ao jornalista Paulo Francis -, o colunista escreve: "Confissões do grande Paulo: Gandhi era muito sensual. Ao se decidir ser santo, fez voto de castidade. Sua mulher engrasou. Com toda razão. Gandhi gostava de se testar, tinha uma neta favorita. Mandava que tirasse a roupa toda, ficava ele nu também, tinha uma ereção, mas nada fazia. E isso era santidade, no seu entender". Harbans escreveu uma carta ao jornal dizendo que essas informações haviam sido investigadas e desmentidas. Na carta, Harbans cobra "maior responsabilidade do colunista social ao divulgar informações que podem denegrir a imagem de uma pessoa santa".

Harbans - Eu não disse isso, não. Eu disse que ele tá falando e não verificou o fato (enfático). Ele era santo, claro. Mas da maneira que Lúcio Brasileiro colocou... Ele tirou de um livro. Eu li esse livro, conheço esse livro. Mas tem outro livro que diz que o que ele diz não tem sentido. Ele não leu.

Entrevista - Tá, mas a minha questão é a seguinte: o senhor fala que ele é um santo. O que é santo pro senhor? Quem é santo?

Harbans - Santo é holístico, santo é espiritual, santo é fraternidade, amor, compaixão, ternura, solidariedade (fala pausadamente). Isso o torna mais sábio do que santo. O sabido acumula: PC Farias (Paulo César Farias, tesoureiro da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello em 1989, falecido no ano passado). Santo distribui. Gandhi era meio santo. Gandhi era sábio. Sábido compartilha. Eu até falo muito a palavra santo misturada com sábio, mas eu prefiro usar sábio. Gandhi era um sábio.

Santo é dualidade. Santo tá lá em cima, eu tô aqui. Qualquer pessoa, dentro de qualquer lugar tem sempre que ser sábio. No cotidiano, vida normal, comum... isso é preciso cada vez mais. O mundo futuro precisa de mais sábios...

Entrevista - E se o senhor fala em santo, o senhor acredita em Deus? Existe um Deus?

Harbans - Não precisa acreditar. Não precisa acreditar; eu o sinto na consciência universal, consciência cósmica - eu até tiro a palavra cósmica, porque cósmica significa universal, inclui tudo. A consciência universal integrada com a consciência individual,

isso sim! Eu não me preocupo muito com Deus, não. Porque Deus também é dualidade. Quando falam em Deus, então Deus tá lá (apontando para o Céu), nós estamos aqui. Isso é dualidade. Toda religião é assim, na profundidade, são dualistas. Todas! Hinduísmo (religião dos hindus), Cristianismo (Cristianismo, conjunto das religiões cristãs baseadas nos ensinamentos, na pessoa e na vida de Jesus Cristo: catolicismo, protestantismo e religiões ortodoxas orientais), Budismo, Jainismo (religião indiana, fundada no século VI a.C. por Vardhaman Mahavira. Surgiu como um movimento de reforma dentro do hinduísmo, da mesma forma que o budismo. Protestava contra o sistema de castas adotado na Índia), todas são iguais. Eu preferiria mais sabedoria do que essa dualidade.

“Cinquenta e dois por cento das verbas da Índia vão para o interior, ok? O país é pobre, mas tem política de melhoria da qualidade de vida da população.”

Entrevista - Deus seria uma força?

Harbans - Nós somos parte dessa... parceiros desse sistema. A realidade é nossa. Nós criamos a realidade. E realidade é um estado da consciência. Mas essa pergunta é muito profunda. Nós somos parte do mundo, nós somos participantes do mundo, parceiros do mundo. Daí a música do Lulu Santos com Nelson Motta "Como uma Onda". Alguém lembra a música? Como é a música? (A turma canta) "Nada do que foi será/De novo do jeito que já foi um dia..." Vai, vai. Vamos lá, continuem. "Tudo passa, tudo sempre passará/A vida vem em ondas como o mar..." Vai, vai. "Num indo e vindo infinito/Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu a um segundo/Tudo muda o tempo todo no mundo..." Continuem, é aqui. "Não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo agora..." Vai, vai, vai. "Há tanta vida lá fora..." Agora! "Aqui dentro, sempre, como uma onda no mar..." Muito bem.

Vejam vocês essa última frase: "Aqui dentro, sempre, como uma onda

no mar". Quando você fala dentro, tem onda dentro de nós. A diferença é a seguinte: na visão cósmica, visão da consciência cósmica ligada com a consciência individual, eu posso gerar minhas ondas. Eu posso mudar o meu estado de consciência. Não são ondas já definidas, não são ondas fixas. Eu posso criar o dinamismo da onda. Através da consciência individual, posso mudar a consciência cósmica.

Vou conversar com Lulu Santos em setembro, pessoalmente. Um amigo nosso está marcando meu encontro no Rio (de Janeiro) com ele. Eu o admiro muito. Ele canta muito bem. Eu vou explicar pro Lulu Santos o significado da sua música, como tudo é muito mais profundo do que se pode imaginar. Porque a gente pode gerar nossas ondas, nossas vibrações, nossas mudanças internas, transformações que podem refletir ao redor, no ambiente.

Isso é consciência cósmica, não é uma coisa fixa, é consciência universal. Não é coisa fixa, está sempre mudando. Mas as religiões são fixas, tá entendendo? Tá lá e tá aqui, certo? Diferente na visão de sabedoria, na visão holística, na visão da consciência cósmica, da Física Quântica, que são dinâmicas. Daí, essa música toca muito porque é dinâmica.

Entrevista - Harbans, você disse que achava alguns aspectos da música indiana parecidos com os da música brasileira. Além disso, quais são os aspectos que esses países guardam entre si, de semelhança?

Harbans - A espiritualidade, a profundidade.

Entrevista - E a situação política dos dois países? A situação econômica, o que é que você acha?

Harbans - Bom, eu acho que não devemos tratar muito de política, não. Não quero saber de política, não. Porque é outra área em que podemos entrar em mais detalhes.

Entrevista - Não, é só pra poder indicar as semelhanças entre os dois países...

Harbans - A reforma agrária da Índia aconteceu em 1952, até 55. No Brasil, ainda estamos lutando. Eu dei uma palestra para o INCRA. Eu fiz uma coisa usada. Eu disse: "O que é INCRA? Instituto Nacional de, como é?"

Entrevista - De Colonização e Reforma Agrária.

Harbans - A palavra colonização não combina com globalização. "Você não acha que seria melhor Instituto Nacional de Consolidação da Reforma Agrária?" O rapaz olhou pra mim: "É! E assim deveria ser!" E eu: "Vamos

Para Subha, como é chamada a filha mais nova, o bom-humor é a principal característica do pai e a única coisa da qual se queixa é que Harbans é muito exigente.

fazer isso mesmo, né?" Porque a consolidação foi feita na Índia em três anos, 52 a 55. Cinquenta e dois por cento das verbas da Índia vão para o interior, ok? O país é pobre, mas tem política de melhoria da qualidade de vida da população. Em geral, as pessoas são pobres, em geral. Não há diferença, desigualdade tão grande entre os salários. Uma pessoa ganha 40 salários mínimos, 60 salários mínimos, outra ganha meio salário mínimo... Não! Não tem essa diferença, não. Agora, a Índia tem oito religiões, 600 grupos de línguas, de dialetos, tantos grupos étnicos. É uma confusão total. Aqui tem uma língua só, né? E lá a variedade, diversidade é muito grande. No Brasil, não tem tanto isso. Então são várias coisas que a gente pode ver... Há o presidencialismo. Nosso presidente é meramente um homem. Lá é o primeiro-ministro que cuida do governo... é o parlamentarismo. Tem a questão das castas (*forma de divisão dos segmentos sociais que compõem o conjunto da sociedade. Na Índia, a população foi classificada em quatro castas: a dos brâmanes ou sacerdotes; a dos militares; a dos comerciantes e agricultores e a dos operários e classes miseráveis*). Várias coisas para serem colocadas, mas acho que é assunto muito amplo.

Entrevista - A gente falou muito de espiritualidade e aperfeiçoamento do comportamento humano... E eu queria saber uma coisa: como é que você percebe o mundo e se comporta politicamente? Você se

mantém um pouco alheio aos acontecimentos políticos do país, ou não? Como é que é isso?

Harbans - Veja bem, uma coisa é política, outra politicagem. E tem em inglês duas palavras: *politics* e *policy*. *Policy* é a política de fazer coisas. *Politics* é a política com políticos. Impossível não distinguir entre essas duas palavras. Acho que (essa diferenciação) deveria ser desconsiderada. Os políticos em geral, no mundo inteiro, não são muito confiáveis, porque eles mudam de acordo com a conveniência deles ou do grupo deles. Na Índia é a mesma coisa. Estados Unidos, mesma coisa. Brasil, mesma coisa. Não são diferentes. Eu acho que têm políticos muito bons, pessoas realmente inteligentes, dedicadas, mas também tem muitos que são assim... que a gente não pode confiar. Uma pessoa de comunicação como vocês, uma jornalista, escreveu: "Metade dos deputados são corruptos". Deputados reclamaram: "Não é possível, você está dizendo isso." "Amanhã vou corrigir". E disse: "Metade dos deputados são honestos" (risos). É a mesma coisa. Cuidado com os jornalistas. Vocês podem derrubar qualquer coisa.

Entrevista - Deixa eu fazer só uma pergunta. Tava olhando aqui pra ele aí eu vi aquela frase ali: "Faça o seu papel. A solução do meio ambiente está no indivíduo. Se cada um de nós, no seu dia-a-dia, der a sua contribuição nosso planeta estará salvo" (frase escrita numa placa do Parque Adahil Bar-

reto). *Você acredita que se cada um de nós fizer a sua parte o mundo poderá ser salvo?*

Harbans - Poderá sim. Claro. É o seguinte: conheça aquela história do beija-flor? (*história popular que conta que, durante um incêndio na floresta, todos os animais fugiam do fogo e apenas um, o beija-flor, tentava apagá-lo com a pouca água que conseguia levar. Um tatu, intrigado, perguntou-lhe: "Você acha que vai apagar o fogo com essas gotas?" E o beija-flor respondeu: "Com certeza não! Mas eu faço a minha parte..."*). Todo mundo conhece o beija-flor que jogou água em floresta. Agora, nós queremos muitos beija-flores. E juntos! Trabalhando juntamente. Um beija-flor faz seu trabalho. Mas se fossem dez beija-flores? Vinte beija-flores? Mil beija-flores? A gente quer, cada vez mais, mais beija-flores integrados, que eles fazem uma individuação. Que que é individuação? Se tem individuação não quebra, *unbreakable*, é inquebrável. Individuação significa integração dentro de si. Quando a pessoa procura integração dentro de si, ela procura, ela reflete, ela sente aquela consciência individual se integrar com a consciência dos outros, a cósmica. Então, naturalmente cuida do ambiente. Enquanto não acontecer isso aí, vai ser Eco 92, vão ser tantas Ecos, e não vai adiantar muita coisa não. Dai, o que a gente tá falando aqui, tem que começar da gente. Você tem toda razão.



Com os recursos da venda de seus livros, ele financia e coordena uma equipe de voluntários que apóia psico-espiritualmente pacientes cancerosos e soropositivos